



PESQUISA NARRATIVA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Leonardo Davi Gomes de Castro Oliveira¹ - UESPI/UNICAMP

Eixo – Formação de Professores
Agência Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí

Resumo

O interesse pelos pesquisadores pelas narrativas no campo educacional surge de um movimento iniciado a partir do ano de 1984 com a publicação do livro *O professor é uma pessoa*, de Ada Abraham. Segundo Nóvoa (1992), emerge nesse período um interesse dos pesquisadores pela vida, carreira, percurso profissional, biografia e autobiografia pessoal dos professores. Esse novo método adotado nas pesquisas em educação coloca em evidência a voz do sujeito participante das investigações, opondo-se a visão dicotômica dos métodos convencionais de pesquisas entre investigador e investigado. Assim, a virada da narrativa foca a experiência do sujeito, abrindo espaço para a expressão de sua subjetividade. As experiências são as histórias que as pessoas vivem e é no contar dessas histórias que vamos nos (re)afirmando e nos modificando, criando novas histórias. A vida é preenchida de fragmentos narrativos, alocados em momentos do tempo e do espaço e, em termos de continuidade e descontinuidade. O objetivo deste texto é refletir sobre a Pesquisa Narrativa e o seu uso no campo da Ciências da Educação. Consiste de um estudo bibliográfico cujo *corpus* teórico dialoga com a concepção da Pesquisa Narrativa conforme Clandinin e Connelly (2011) e Clandinin (2013). O texto se estrutura com a introdução em que relatamos o contato do investigador com a pesquisa narrativa, em seguida pontuamos sobre a virada da narrativa como método de pesquisa e a concepção de espaço tridimensional da pesquisa narrativa, finalizando com algumas considerações. Observamos que o uso da Pesquisa Narrativa tem se desenvolvido como uma alternativa para a pesquisa em educação pois tal estratégia investigativa busca apreender o sentido da experiência dos sujeitos, portanto, abrindo espaço para a expressão de sua subjetividade. Nossa reflexão sobre a temática dialoga com Clandinin & Connelly (2011); Clandinin & Connelly (2006); Clandinin, (2013); Clandinin e Rosiek (2007); entre outros autores.

Palavras-chave: Investigação em Educação. Estratégia Investigativa. Pesquisa Narrativa.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Professor Assistente DE da Universidade Estadual do Piauí. Pesquisador do Grupo ALLE/AULA da UNICAMP e INTERLIT e NELLCE da UESPI. E-mail ldavicastro@hotmail.com.

As metáforas

*The use of narrative in educational research is
that human are storytelling*
(CONNELLY, CLANDININ, 1990)

A entrada da Pesquisa Narrativa em minha vida acadêmica aconteceu como “*um amor a segunda vista*”. Tal enunciado foi proferido por mim durante a arguição do projeto de pesquisa na fase de entrevista da seleção do Doutorado em Educação da Unicamp. Na defesa do projeto tive que justificar a escolha pela metodologia de investigação para abordar o problema de pesquisa.

Era fascinado, anteriormente, pela pesquisa colaborativa. Entendia a pesquisa colaborativa como sendo uma alternativa para pensar e refletir sobre os problemas educacionais, no entanto, esse interesse se esvaneceu² a partir do momento que fui tocado pelas Narrativas (auto)biográficas³. Então, em 2015, pelo fascínio da abordagem, desenvolvo o projeto de pesquisa do doutorado⁴. Inicialmente leio diversos artigos e teses, dentre estas de Souza (2004) e Cunha (2014) para ter um conhecimento sobre o tema, em seguida o livro organizado por Abrahão (2004).

Começo a desenvolver o projeto de tese e, durante essa jornada, recebo uma cópia da obra Pesquisa Narrativa⁵ de Clandinin & Connelly, (2011), “*me recordo que era uma segunda feira, havia chegado para trabalhar, e como sempre, abro as gavetas da minha mesa de trabalho pois elas se tornaram um canal de diálogo entre os professores, naquele dia, ali estava a cópia do livro com uma dedicatória*”.

No primeiro momento da minha leitura do livro entendia a obra como um manual e, buscava ansioso, entender sobre o que seria a Pesquisa Narrativa, no entanto, logo no prefácio da obra os autores levantam a seguinte indagação: *O que fazem os pesquisadores narrativos?*

² Acredito que a Pesquisa Narrativa também é colaborativa, nesse sentido, compreendo aquela como uma dimensão mais ampla que a pesquisa colaborativa.

³ Compreendo as Pesquisa Autobiográfica como uma Pesquisa Narrativa. Embora haja outros autores interlocutores sobre Pesquisa Narrativa, nosso estudo tem como interlocução teórica os autores Clandinin e Connelly. Não busco uma redução do fenômeno, mas optei por delimitar os autores supracitados por questões pessoais de leitura.

⁴ Nosso objetivo de estudo consiste em investigar as experiências formadoras e aprendizagens experienciais, dos licenciandos da Universidade Estadual do Piauí, proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), Projeto Uespi, da Universidade Estadual do Piauí, que auxiliam no processo de constituição da identidade profissional docente e na permanência na profissão docente.

⁵ Retomo o objetivo do trabalho. Apesar da leitura de Clandinin e Connelly, compreendo que a proposta de Tese dialoga com a proposta de Josso (2004), *Experiências de vida e formação*.

No início senti um desapontamento, mas, logo percebi que a proposta dos autores era conduzir os seus leitores a experienciarem sobre a pesquisa narrativa. A experiência, portanto, é a pedra angular da pesquisa narrativa.

Para Clandinin e Connelly (2011), as experiências são as histórias que as pessoas vivem. Para os autores as pessoas vivem histórias e é no contar dessas histórias que vamos nos reafirmando e nos modificando, criando novas histórias. Nesse sentido, é no contar da minha própria experiência com a Pesquisa Narrativa que vou criando uma nova história sobre a mesma. Assim surge esse texto, como produto de uma apresentação sobre a Pesquisa Narrativa, na disciplina ED-617 - Saberes docentes e formação do professor, no segundo semestre de 2016, na pós-graduação da Unicamp.

Beginning with a respect for ordinary lived experience, the focus of narrative inquiry is not only a valorizing of individuals' experience but also an exploration of the social, cultural, and institutional narratives within which individuals' experiences were constituted, shaped, expressed, and enacted-but in a way that begins and ends that inquiry in the storied lives of the people involved. Narrative inquirers study an individual's experience in the world and, through the study, seek ways of enriching and transforming that experience for themselves and others. (CLANDININ, ROSIEK, 2007, p. 42).

Em face ao exposto, tentei nesse breve relato, relacionar a minha experiência com a Pesquisa Narrativa, considerando as metáforas elaboradas pelos autores supracitado, a dimensão temporal, individual/social e o lugar, que foram desenvolvidas em base dos critérios da experiência de Dewey que são: a continuidade, a interação e a situação. As metáforas cunhadas pelos autores correspondem ao espaço tridimensional da Pesquisa Narrativa.

O objetivo da investigação é refletir sobre a Pesquisa Narrativa e o seu uso no campo da Ciências da Educação. As reflexões da pesquisa se desenvolvem a partir da seguinte indagação *O que é Pesquisa Narrativa?* (CLANDININ; CONNELLY, 2006). Consiste de um estudo bibliográfico cujo *corpus* teórico dialoga com a concepção da Pesquisa Narrativa conforme Clandinin & Connelly (2006); Clandinin & Connelly (2011); Clandinin e Rosiek (2007); Clandinin, (2013). Os autores compreendem o estudo da narrativa como a metáfora do mapa, que tem como ponto de partida a experiência. Nesse sentido, apoiados nas ideias de experiência de Dewey, que é contínua (cada uma nova experiência pressupõe uma próxima) e interativa (a experiência é tanto individual como social), e na compreensão que têm sobre o pensamento e as experiências serem vividos narrativamente, os autores desenvolvem a concepção da metáfora tridimensional da Pesquisa Narrativa. Nessa metáfora a temporalidade

é uma dimensão, o individual e o social uma segunda e, o lugar, uma terceira dimensão. Para os autores, na concepção da Pesquisa Narrativa, os pesquisadores narrativos sempre se deslocam nesses espaços. O estudo conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí - FAPEPI.

A virada narrativa ou *narrative mania*?

[...] Lived and told stories and the talk about the stories are one of the ways that we fill our world with meaning and enlist one another's assistance in building lives and communities.
(CLANDININ, ROSIEK, 2007)

O interesse pelos pesquisadores pelas narrativas no campo educacional surge de um movimento iniciado a partir do ano de 1984 com a publicação do livro *O professor é uma pessoa*, de Ada Abraham. Segundo Nóvoa (1992), emerge nesse período um interesse dos pesquisadores pela vida, carreira, percurso profissional, biografia e autobiografia pessoal dos professores.

Esse novo método adotado nas pesquisas em educação coloca em evidência a voz do sujeito participante das investigações, opondo-se a visão dicotômica dos métodos convencionais de pesquisas entre investigador e investigado. Assim, a virada da narrativa foca a experiência do sujeito, abrindo espaço para a expressão de sua subjetividade, pois este foi um aspecto que “aos olhos dos pesquisadores se mostrou esquecido ou mesmo relegado nos tratamentos anteriores, e que por isso passou a se mostrar promissor para realimentar novos desenvolvimentos teóricos na área” (BUENO, 2002, p. 13).

Para Clandinin e Connelly (2011), a virada para a narrativa surge como um caminho alternativo em que pesquisadores e participantes possam viver um relacionamento saudável e produtivo, pois para os autores, a vida é preenchida de fragmentos narrativos, alocados em momentos do tempo e do espaço e, em termos de continuidade e descontinuidade. Nesse sentido, a experiência ganha um lugar de destaque pois, conforme os autores supracitados, Educação e Estudos em educação são formas de experiência e a narrativa seria o melhor modo de representar e entender a experiência.

A concepção de experiência apontada por Clandinin e Connelly tem como base teórica a ideia desenvolvida por Dewey e, segue os critérios da interação e continuidade. Conforme Clandinin e Rosiek (2007, p. 42 - 43),

Framed within this view of experience, the focus of narrative inquiry is not only on individuals' experience but also on the social, cultural, and institutional narratives within which individuals' experiences are constituted, shaped, expressed, and enacted. Narrative inquirers study the individual's experience in the world, an experience that is storied both in the living and telling and that can be studied by listening, observing, living alongside another, and writing, and interpreting texts.

Em face ao exposto, conforme Clandinin, Connelly e Rosiek, a experiência não só é contínua, mas também é interativa, assim, a Pesquisa Narrativa adquire um status relacional, ganhando destaque para a pesquisa na área educacional, pois este é um campo que possui por natureza uma dinâmica interativa. Nesse sentido, a Pesquisa Narrativa é o caminho para se entender a experiência. Desta forma, ao buscar entender a experiência dos sujeitos por meio da narrativa, resgata-se a sua subjetividade, focando as singularidade e particularidades dos sujeitos em face aos processos educacionais. Não se deve entender, portanto, o fenômeno da virada na narrativa como uma mania, mas sim, uma demanda que emergiu do nosso contexto social para reconfigurar o local e o valor da experiência humana.

Pesquisa Narrativa: Fenômeno e Método

It is equally correct to say "inquiry into narrative" as it is "narrative inquiry".
(CLANDININ, CONNELLY, 1995)

Para Clandinin e Connelly (1995), as narrativas no campo educacional são tanto um fenômeno a ser investigado como método utilizado em investigação. Conforme os autores (1995, p. 2, grifo nosso),

It is equally correct to say "inquiry into narrative" as it is "narrative inquiry". By this we mean that narrative is both phenomenon and method. Narrative names the structured quality of experience to be studied, and it names the patterns of inquiry for its study. To preserve this distinction we use the reasonably well-established device of calling the phenomenon "story" and the inquiry "narrative". Thus, we say that people by nature lead storied lives and tell stories of those lives, where as narrative researchers describe such lives, collect and tell stories of them, and write narratives of experience.

Nesse sentido, os autores chamam a atenção para a distinção entre o fenômeno que é a *história* e a investigação que é a *narrativa*. Assim, os pesquisadores narrativos podem descrever, coletar e contar essas histórias. Ainda segundo os autores, devido a sua qualidade holística as narrativas tem um destaque em outras disciplinas.

Para Clandinin e Rosiek (2007, p. 36), “*the idea of narrative inquiry as research methodology is new to the social sciences, it has intellectual roots in the humanities and other fields under the broad heading of narratology*. Conforme Clandinin e Connelly (1995), o termo narratologia atravessa diversas áreas como a Teoria da Literatura, História, Antropologia, Drama, Artes, Filmes, Teologia, Filosofia, Psicologia, Educação.

Retomando a questão da Pesquisa Narrativa como fenômeno e método, Souza (2006b, p. 139) pontua que no campo educacional as narrativas são utilizadas como meio de investigação e formação,

essa perspectiva de trabalho, [...] configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história.

Aproximando a concepção de Souza com a perspectiva de Clandinin e Connelly, as narrativas seriam a investigação e o processo de formação estaria ancorado nas histórias contadas pelos sujeitos pois o contato com a experiência conduz o sujeito a reconfiguração de si. Nessa perspectiva, a narrativa não é apenas um meio para se compreender a experiência, mas é também um meio para a aprendizagem humana (CLANDININ e CONNELLY, 2011; LARROSA, 1996).

Fiorentini (2006, p. 29) dialoga com a concepção de Pesquisa Narrativa desenvolvida por Clandinin e Connelly. Para o pesquisador, as narrativas se tornaram um instrumento profícuo nas pesquisas em educação. Fiorentini, em suas experiências como formador de professores da área de matemática, tem utilizado as narrativas em grupos de comunidades de pesquisas. Para o pesquisador,

As narrativas representam um modo bastante fecundo e apropriado de *os professores produzirem e comunicarem significados e saberes ligados à experiência*. As narrativas fazem menção a um determinado tempo (trama) e lugar (cenário), onde o professor é autor, narrador e protagonista principal. São histórias humanas que atribuem sentido, importância e propósito às práticas e resultam da interpretação de quem está falando ou escrevendo. Essas interpretações e significações estão estreitamente ligadas as suas experiências passadas, atuais e futuras. (Grifo nosso)

Para que haja a produção e comunicação dos significados e saberes ligados à experiência é necessária uma colaboração entre os participantes da investigação. Nesse sentido, a Pesquisa Narrativa também é um processo de colaboração, pois tanto as histórias contadas pelos participantes como pelos pesquisadores podem ser histórias de empoderamento. Essas histórias

podem conduzir os participantes à (re)significarem a produção de sentidos produzidas pelas narrativas e (re)significarem a própria experiência, como pondera Moraes (2000, p. 81),

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história mas o cruzamento de umas com as outras.

Em face ao exposto, retomo Fiorentini (2006) que foca no aspecto da continuidade/temporalidade sobre a interpretação da narrativa pois estes aspectos “*estão estreitamente ligadas as suas experiências passadas, atuais e futuras*” do sujeito, portanto, ao comunicar as experiências ele transita em sua temporalidade e, essa transição mediada pela colaboração o conduz ao (re)significar das experiências, como pontua Clandinin e Connelly (1995, p. 21-22) a respeito da colaboração na Pesquisa Narrativa “*enseja uma mútua explicação e re-explicação de histórias à medida que a investigação avança*”.

O Espaço Tridimensional

These stories are the result of a confluence of social influences on a person's inner life, social influences on their environment, and their unique personal history. These stories are often treated as the epiphenomenal to social inquiry-reflections of important social realities but not realities themselves. (CLANDININ, ROSIEK, 2007)

Apresentamos nas seções anteriores que a Pesquisa Narrativa busca apreender as experiências vividas pelos sujeitos, por meio do contar das histórias vividas. Nesse sentido, a experiência tem um papel central na narrativa, pois ela expressa a viva vivida. Assim, para Clandinin e Connelly (2011, p. 51), a Pesquisa Narrativa

é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com *milieus*. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio *do viver e do contar, do reviver e recontar*, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social. (Grifo nosso)

A concepção de experiência também traz uma ideia de temporalidade e continuidade, nesse sentido, há uma aproximação da concepção de experiência dos atores supracitados com a ideia de Larrosa (2004, p. 17, In: ABRAHÃO, 2004). Para este autor, a experiência é o que nos passa, tendo também a ideia de temporalidade e continuidade,

El tempo de nuestras vidas está constituido por el pasar de lo que nos pasa, por nuestra experiencia. Y, en tanto que interpretada, la experiencia presupone también una articulación temporal. Lo que acontece no es un acontecimiento entre una serie discreta de acontecimientos, sino un acontecimiento en el curso de una vida. Lo que acontece como experiencia sólo puede ser interpretado, entonces, narrativamente.

Apoiados nos critérios da experiência de Dewey, que são a continuidade, em que cada experiência conduz a uma próxima, e a interação, em que a experiência tem um âmago de ordem individual e também social, e compreendendo que as experiências são vividas narrativamente, Clandinin e Connelly desenvolvem a metáfora do que chamam espaço tridimensional da investigação narrativa. Nesse sentido a temporalidade, o individual/social e o lugar seriam os pilares da tridimensionalidade. Conforme os autores (2011, p. 85), ao definirem o espaço tridimensional,

Definido esse sentido do lugar fundacional de Dewey em nossa concepção sobre a pesquisa narrativa, nossos termos são *pessoal e social* (interação); *passado, presente e futuro* (continuidade); combinados à noção de *lugar* (situação). Este conjunto de termos cria um espaço tridimensional para a investigação narrativa, com a temporalidade ao longo da primeira dimensão, o pessoal e o social ao longo da segunda dimensão e o lugar ao longo da terceira. Utilizando esse conjunto de termos, qualquer investigação em particular é definida por este espaço tridimensional: os estudos têm dimensões e abordam assuntos temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares. (Grifo dos autores).

A dimensão pessoal e social nos aponta para o âmbito introspectivo e extrospectivo. Para os autores, o primeiro refere-se às condições internas do sujeito e estão relacionadas aos sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais, o segundo refere-se às condições existenciais, ou seja, o meio ambiente. Conforme os autores,

*Narrative inquirers are concerned with personal conditions and, at the same time, with social conditions. By personal conditions we mean the feelings, hopes, desires, aesthetic reactions, and moral dispositions of the person, whether inquirer or participant. By social conditions we mean the existential conditions, the environment, surrounding factors and forces, people and otherwise, that form the individual's context. This commonplace also allows narrative inquirers to distinguish their studies from studies that focus mostly on social conditions that may treat the individual as a hegemonic expression of social structure and social process. A narrative inquiry attends to both. The sociality commonplace reminds us of both. [...] **Another dimension of the sociality commonplace is the relationship between participant and inquirer. Inquirers are always in an inquiry relationship with participants' lives We cannot subtract ourselves from relationship.** (CLANDININ, CONNELLY, 2006, p. 480, grifo nosso).*

A dimensão temporal refere-se ao passado presente e futuro, ou seja, a eventos prospectivos e retrospectivos,

Events under study are in temporal transition. Narrative inquirers do not describe an event, person, or object as such, but rather describe them with a past, a present, and a future. Narrative inquirers would not by "a person is such and such a way." They would, rather, say that a particular person had a certain kind of history, associated with particular present behaviors or actions that might seem to be projecting in particular ways into the future. (CLANDININ, CONNELLY, 2006, p. 479).

A dimensão do lugar refere-se aos limites concretos das paisagens de investigação,

The third commonplace is place or sequence of places. By place we mean the specific concrete, physical, and topological boundaries of place where the inquiry and events take place. The key to this commonplace is the importance of recognizing that all events take place some place. (CLANDININ, CONNELLY, 2006, p. 480).

Para Clandinin e Connelly (2011), a Pesquisa Narrativa caminha nas quatro direções, introspectivo, extrospectivo, retrospectivo, prospectivo e situado em um lugar, apresentando, portanto, um sentido relacional, ou seja, a dimensão pessoal e social, a temporalidade e o lugar estão interligadas. Nesse sentido, ao se verificar um determinado fenômeno, o mesmo circula em todas essas direções, assim, pensar narrativamente é pensar relacionalmente.

Clandinin (2013), ao retomar a definição de Pesquisa Narrativa como uma forma de entender a experiência em seu livro, *Engaging in Narrative Inquiry*, retoma que a mesma assume uma posição relacional (visto que segue os critérios de interação e continuidade proposto por Dewey), segundo a autora,

I note how this simple definition, in many ways, assumes the relational-the relational between the person and his/her world; a temporal understanding of the relational between past, present, and future, including the relational in the intergenerational; the relational between person and place; the relational between events and feelings; the relational between us as people; the relational between the physical world and people; the relational in our cultural, institutional, linguistic, and familial narratives; and so on.

Em face ao exposto, além das direções introspectiva, extrospectiva, retrospectiva, prospectiva e os lugares da Pesquisa Narrativa, a narrativa da experiência do pesquisador também é dupla, porque o pesquisador “experiencia a experiência e é também parte integrante da experiência (CLANDININ, CONNELLY, 2011, p. 81).

Pesquisa Narrativa e Educação

No contexto nacional, o uso da Pesquisa Narrativa em educação se tornou um procedimento metodológico o qual possibilita trabalhar a dimensão subjetiva do sujeito. Assim, a pessoa passa a ser vista não apenas como um objeto a ser investigado ou analisado, mas sim, o próprio processo da investigação. Para Bolívar (2002), o uso Pesquisa Narrativa em educação possibilitar compreender o modo como os professores dão sentido ao seu trabalho e ao desenvolvimento de suas práticas, bem como ao contexto que estão inseridos.

Conforme Souza (2004; 2006a), o uso da Pesquisa Narrativa em Educação coloca em evidencia as representações e experiencias educativas dos sujeitos e contribui para entender os diferentes mecanismos e processos históricos relacionados ao processo educacional em diferentes contextos e época. Nesse sentido, ela permite evidenciar a dimensão subjetiva das representações dos professores sobre a identidade profissional, os ciclos de vida, e entender os sujeitos, sentidos e situações do contexto escolar.

O uso da narrativa contribui para uma tomada reflexiva dos sujeitos que estão inseridos no contexto e na cultura escolar, portanto, ao expressar a subjetividade em forma de narrativa, ou seja, ao compartilhar suas histórias de vida “permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele” (MORAES, 2000, p. 81).

Em face ao apresentado, reitero com o pensamento de Kramer (1996, p. 23), sobre o resgate e compreensão do vivido, a autora afirma que ao “resgatar a história das pessoas significa vê-las reconstituírem-se enquanto sujeitos e reconstituir também sua cultura, seu tempo, sua história, re-inventando a dialogicidade, a palavra”.

Assim, retomo o pensamento Fiorentini (2006). Segundo o pesquisador, as narrativas representam um modo bastante fecundo e apropriado de os professores produzirem e comunicarem significados e saberes ligados à experiência e reitero, que não só apenas ao professor, mas a Pesquisa Narrativa oportuniza a todos os sujeitos que desenvolvem o contexto educacional a expressem suas histórias, possibilitando uma nova escrita de suas histórias.

Algumas considerações

Educação e Estudos em educação são formas de experiência e a narrativa seria o melhor modo de representar e entender a experiência. (CLANDININ, CONNELLY, 2011).

Em face ao que apresentamos nas seções anteriores, busco nessas considerações relacionar a importância da Pesquisa Narrativa para as pesquisas em Educação. É indubitável a dimensão de pesquisas que usam a Pesquisa Narrativa como método de investigação. Essas investigações apontam não só uma nova relação nas realizações de pesquisas, o papel investigador e investigado, mas reconfigura um novo lugar em especial para o sujeito investigado, pois oportuniza o espaço para expressar a subjetividade. Nesse sentido, oportuniza a voz a todos os membros educacionais, em especial ao professor, além disso, devido ao seu processo relacional a Pesquisa Narrativa também conduz o recontar e reviver para o pesquisador pois, como abordamos anteriormente, a narrativa da experiência do pesquisador é sempre dupla.

People shape their daily lives by stories of who they and others are and as they interpret their past in terms of these stories. Story, in the current idiom, is a portal through which a person enters the world and by which his or her experience of the world is interpreted and made personally meaningful. Viewed this way, narrative is the phenomena studied in inquiry. Narrative inquiry, the study of experience as story, then, is first and foremost a way of thinking about experience. Narrative inquiry as a methodology entails a view of the phenomena. To use narrative inquiry methodology is to adopt a particular view of experience as phenomena under study. (CLANDININ, CONNELLY, 2006, p. 477).

A transição pelas direções da Pesquisa Narrativa, introspectiva, extrospectiva, retrospectiva, prospectiva e os lugares, permitem aos participantes *a viverem, contarem, recontarem e reviverem* suas histórias, e por meio delas se reafirmarem e criarem novas histórias. Essa reconfiguração também ocorre com o pesquisador, nesse sentido, essa análise das direções da pesquisa torna o pesquisador narrativo vulnerável, como pontua Clandinin e Connelly (2011, p. 98),

Esse confrontar de nós próprios em nosso passado narrativo torna-nos vulneráveis como pesquisadores, pois transforma histórias secretas em histórias públicas. Na pesquisa narrativa, é impossível (se não impossível, então obrigatoriamente decepcionante) como pesquisador ficar silencioso ou apresentar um self perfeito, idealizado, investigativo, moralizante.

Em face ao exposto, observo que as direções ora apresentadas, nos conduzem a um contato com nossa subjetividade e nos possibilita o passar da experiência conforme Larrosa, (1996). À guisa de conclusão, sintetizo esse texto com a colocação de Catani (1994, p. 54, grifos da autora), porque acredito que suas palavras sintetizam as direções da Pesquisa Narrativa, como uma forma de reconfiguração, “o prazer de narrar-se favorece a constituição da memória pessoal e coletiva inserindo o indivíduo nas histórias e permitindo-lhe, a partir destas tentativas, *compreender e atuar*”.

Nesse sentido, a narrativa proporciona uma reconfiguração do sujeito, ou seja, uma reconfiguração de si, ao tempo em que ao relatar a experiência, esse movimento, desloca o sujeito no espaço tridimensional, o contato com a dimensão pessoal e social, temporal e de lugar. Assim, a narrativa proporciona ao sujeito uma transição nesses espaços e ao estranhamento de si, pois ao resgatar o passado, aquele que narra fala de uma perspectiva cronológica temporal e social a partir do presente, ou seja, o que eu sou hoje tem como marca os eventos passados. Ao deslocar-se ao passado, por meio da retrospectão, o sujeito que narra emerge em direção ao seu futuro, ou seja, ele se projeta a um devir, portanto, transfigurando-se em um novo, embotando o sujeito que foi e, descolando-se do sujeito que é, para transfigurar-se em um sujeito a devir carregado as marcas de todos os outros que foi.

Apreendo, portanto, a importância da Pesquisa Narrativa como um método de pesquisa em educação, pois possibilita aos participantes o contato com a sua subjetividade. O contato com a dimensão subjetiva conduz ao sujeito uma reflexão de si, ou seja, a narrativa funciona como um mecanismo metareflexivo. Assim, pode-se constituir como um mecanismo de (re)configuração do sujeito, podendo assim, contribuir para uma (re)configuração da sua identidade.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: Teoria & Empiria**. Porto Alegre, Rs: Edipucrs, 2004.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30. Jan/jun. 2002.

CATANI, Denice. A didática como iniciação: os relatos autobiográficos e a formação de professores. In CATANI, Denice. **Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos**. São Paulo; 1994. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Educação de Universidade de São Paulo. p. 28-57.

KRAMER, Sônia; SOUZA, Solange Jobim e (Orgs.). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. Paulo, SP: Ática, 1996.

CLANDININ, D. Jean, ROSIEK, Jerry. Mapping a landscape of Narrative Inquiry: borderland spaces and tensions In: CLANDININ, D. Jean (Ed.). **Handbook of Narrative Inquiry: Mapping a methodology**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2007. p. 35 - 76.

CLANDININ, D. Jean. **Engaging in narrative inquiry**. Walnut Creek: Left Coast Press. 2013.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Narrative Inquiry In: GREEN, Judith L., CAMILLI, Gregory, ELMORE, Patricia B. **Handbook Of Complementary Methods In Educationa Research**. Washington: American Educational Association, 2006. p. 477 - 487.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Stories of experience and Narrative Inquiry. In: **Educational Researcher**, Vol. 19, No. 5 (Jun. - Jul., 1990), p. 2-14.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Teachers as curriculum planners: narratives of experience**. New York: Teachers College Press, 1995

CUNHA, Renata Cristina da. **Narrativas autobiográfias de professores iniciantes no ensino superior.:** trajetórias formativas de docentes do curso de Letras-Inglês. 2014. 304 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

FIORENTINI, Dario. Uma história de reflexão e escrita sobre a prática escolar em matemática. In: FIORENTINI, D.; CRISTOVÃO, E. M. (Org.). **Histórias e investigações de/em aulas de matemática**. Campinas: Alínea, 2006. p. 13-36.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MORAES, Ana Alcídia de Araujo. **Historias de leitura em narrativas de professoras: alternativa de formação**. Manaus: Univ. do Amazonas, 2000.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, História de Vida e Formação**: pesquisa e ensino. Salvador/Bahia: EDUNEB - EDIPUCRS, 2006a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: narrativas o itinerário escolar e a formação de professores. 2004. 442 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. B. **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDPUCRS, 2006b. p.135-147.